

## **Desvendando o Espírito Santo do século XIX a partir das considerações feitas no relato de viagem do marinheiro inglês Edward Wilberforce**

MARCELA SARNAGLIA\*

### *Introdução*

No século XIX o Brasil recebeu a visita de diversos viajantes estrangeiros. Estes escreveram relatos sobre nosso território, evidenciando sua fauna e flora, as cidades e os costumes dos povos brasileiros. As narrativas desses viajantes serviram para divulgar na Europa uma determinada visão do “Novo Mundo”. Foi nesse contexto, que um oficial da marinha inglesa, Edward Wilberforce<sup>1</sup>, visitou parte do Brasil. Edward veio ao Brasil em uma missão repressiva ao tráfico de escravos. Nesta viagem ele escreveu uma narrativa sobre as terras visitadas, incluindo o Espírito Santo, descrevendo suas belezas naturais, seus habitantes, costumes, produção. O texto de Wilberforce foi editado pela primeira vez em Londres, em 1856, sob o título *Brazil viewed through a naval glass with notes on slavery and the slavetrade* (O Brasil visto através de uma luneta com notas sobre escravidão e tráfico de escravos)<sup>2</sup>. A parte referente ao Espírito Santo encontrava-se nos capítulos XV e XVI da obra original. Estes capítulos foram traduzidos e publicados pela Cultural-es sob o título: *Inglese na costa do Espírito Santo: Impressões de um aspirante de marinha sobre o Espírito Santo em 1851*. A esta edição, fez referência o escritor Norbertino Bahiense na obra *O*

---

\* Mestranda do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista FAPES.

<sup>1</sup> Edward Wilberforce nasceu em 09 de novembro de 1834, em East Farleigh, Kent, Inglaterra e faleceu em Brentwood, Essex no dia 07 de janeiro de 1914. Durante sua vida publicou vários outros livros, dentre eles destacam-se: *Social life in Munich* (1863) e *Statute law: the principles which govern the construction and operation of statutes* (1881). Para maiores informações sobre a vida de Edward Wilberforce foram consultadas as seguintes páginas da internet: <http://www.wilberforce.info/b31.htm> e [http://victorianresearch.org/Obscure\\_contributors.html](http://victorianresearch.org/Obscure_contributors.html)

<sup>2</sup> Trata-se, de uma narrativa produzida no contexto de uma viagem de repressão ao tráfico de escravos feita pela marinha inglesa a costa do Brasil (do Rio de Janeiro à Bahia), e que passou pelo Espírito Santo.

*Convento da Penha*<sup>3</sup>, na qual transcreveu os versos que Wilberforce fez sobre o Convento da Penha<sup>4</sup>.

Tendo como referência o ensaio crítico publicado por Afonso de E. Taunay no *Jornal do Comércio*, de 26 de agosto de 1945, denominado *Impressões de Vitória e seus arredores*, Mário Aristides Freire publicou na revista *Vida Capixaba* o artigo *Fotografia do cruzeiro lendário*. Neste artigo, Freire (1946) descreveu as impressões do viajante inglês sobre Vitória e seus arredores em 1850. O autor enfatizou a lenda que Wilberforce ouviu do prático da barra sobre um pequeno cruzeiro de alvenaria que ficava no cume de uma rocha a entrada da baía, e que transcreveu em seu relato. Freire (1946) mencionou ainda a impressão de Wilberforce sobre Vitória: uma cidade suja, constituída de pequenos prédios, havendo poucos edifícios que merecessem atenção (FREIRE, 1946). Em visita a sede do governo provincial capixaba, Wilberforce encontrou o presidente da província, que descreveu como sendo um gorducho e baixinho, vestindo um paletó com botões de latão<sup>5</sup>. Sua impressão foi a de que a província estava decadente. Apesar dessas imagens negativas, Freire (1946) ressaltou que o marinheiro inglês ficou impressionado com as belezas naturais do Espírito Santo. Levy Rocha em *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*, também fez referência ao relato de Edward Wilberforce sobre as terras capixabas. De modo geral, mencionou que o jovem oficial, viu que a província possuía dois fortes ridículos para os armamentos da época, que o palácio do governo se encontrava em mal estado de conservação, e que ele ficou maravilhado com a beleza da região. Também falou da satisfação de Wilberforce em ver que as autoridades locais eram favoráveis a repressão ao tráfico de escravos.

Segundo Edward Wilberforce, seu relato foi incompleto e fragmentado, fruto de sua condição de aspirante a marinheiro. Tal condição, de acordo o autor, não lhe permitiu absorver muitos conhecimentos sobre os lugares que visitou. Edward expressou ainda o desejo de que seu relato pudesse servir de orientação náutica para outros navegadores que se aventurassem pelo Brasil.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações ver: BAHIENSE, Norbertino. *O convento da Penha: um templo histórico, tradicional e famoso 1534 a 1951*. Vitória: Escola técnica de Vitória, 1952, p. 85 – 88.

<sup>4</sup> Templo religioso situado no município de Vila Velha, Espírito Santo.

<sup>5</sup> De acordo com Mário A. Freire, no ano da visita de Wilberforce ao Espírito Santo, ocupava o cargo de presidente de província Felipe José Pereira Leal. (FREIRE, 1946).

No decorrer do século XIX, além de Edward Wilberforce, foram muitos os viajantes estrangeiros que estiveram no Espírito Santo. Dentre eles estão nomes como Auguste Saint-Hilaire, Auguste François Biard, Maximilian Wied, Grigory Ivanovitch Langsdorff, Johann Jakob von Tschudi, Jean Theodore Descourtilz, entre outros.

A descrição desse viajante foi de grande importância para conhecermos um pouco mais da história espírito-santense do século XIX, seus costumes e sua natureza. Contudo, não poderíamos deixar de sublinhar que tal narrativa sobre o Espírito Santo, estava repleta de conceitos europeus. Logo, acreditávamos que a visão desse viajante se aproximava da de outros estrangeiros, bem como também possuía um aspecto pessoal e singular.

Nosso objetivo nesse trabalho foi analisar a visão do marinheiro Edward Wilberforce sobre o Espírito Santo em meados do século XIX, dentro do contexto das impressões de viajantes estrangeiros sobre Brasil. Buscamos entender os discursos produzidos sobre o Espírito Santo no século XIX, assim como, compreender as representações acerca da natureza e do homem em uma região considerada atrasada. Sabíamos que as visões desses viajantes estrangeiros sofriam variações de acordo com o local que visitavam. Também sabíamos que eram vários os motivos que levavam esses estrangeiros a empreender suas viagens não apenas ao Brasil, mas por toda a América. Dentre as razões das viagens estavam à busca pela ciência, pelo exótico e a realização de interesses econômicos. Essas impressões de viajantes estrangeiros foram de grande importância para a elaboração de uma imagem do Brasil na Europa. Além disso, as narrativas de viajantes possuíam grande valor histórico, já que nos auxiliaram na compreensão do nosso passado.

#### *O debate acerca dos relatos de viagem do século XIX*

A literatura relativa a viagens de estrangeiros ao Brasil é vasta. Nela os autores retrataram quais eram as visões dos viajantes europeus em relação às terras brasileiras, seus povos, costumes e natureza. Para tanto, fez-se necessário apontar as principais discussões em torno dessa literatura de viagem.

Durante o século XIX, várias foram as imagens feitas do Brasil na Europa. Foram os viajantes europeus os principais responsáveis pela divulgação de um imaginário sobre

as terras brasileiras no continente europeu. Este imaginário estava entrosado em um panorama intelectual relacionado com o processo de desenvolvimento científico do velho mundo. Logo, “interesses de ordem econômica, pendores filosóficos, predileções exóticas, a insatisfação com a realidade social e a ânsia de fuga para algo melhor, tudo se reflete na imagem européia da América, e, portanto, do Brasil” (HOLANDA, 1985: 40). Essas visões sobre a América sofriam variações de acordo com o local e a simpatia do indivíduo que as relatava.

Até o ano de 1808, o território brasileiro havia sido pouco explorado por outros povos. Com o traslado da Corte portuguesa para as terras brasileiras, esta situação se modificou. Uma nova conjuntura surgiu. Era necessária à abertura do Brasil para o mundo e a criação das condições para que o Brasil sustentasse o aparato político-administrativo da metrópole. Por conseguinte, tornava-se urgente estabelecer relações diplomáticas e comerciais diretas com as nações amigas européias. Foi nesse contexto que vários cientistas, artistas, técnicos, comerciantes, missionários religiosos, diplomatas e intelectuais foram atraídos para o território brasileiro. Isto porque “foi no século XIX que se intensificou na Europa a busca pelo conhecimento, além da necessidade de investigar, classificar e ordenar o mundo da natureza (RIBEIRO, 2004: 26)”. Os viajantes do oitocentos procuravam conhecer novos mundos, diferentes do mundo ao qual pertenciam. Queriam conhecer lugares nunca antes tocados pela mão humana, uma natureza “pura”, estranha a cientistas e a suas explicações e observações. Todavia, esses viajantes já possuíam determinada visão, certo modelo prévio do que iriam encontrar nas terras brasileiras, antes mesmo de empreenderem sua jornada.

Tal fato pôde ser explicado, porque, o continente americano era idealizado pelos europeus. Estas idealizações estavam relacionadas às discussões acerca do progresso e da civilização. Eram várias as idéias que se faziam da América. Adotando um ponto de vista negativo à avaliação que se fazia era que o continente americano era o lugar de povos primitivos. “Ao contrário, repelindo-se o progresso, fazia-se a crítica a sociedade européia e ver-se-ia o quadro da América indígena como algo em condições de lembrar o paraíso de uma humanidade inocente e pura, vivendo na intimidade da natureza” (HOLANDA, 1985: 41). Por fim, havia uma terceira ponderação em relação ao continente americano que surgiu no fim do século XVIII. Os europeus acreditavam que a América era um lugar livre dos vícios da sociedade européia, e que aí poderiam

obter sucesso e o desenvolvimento da humanidade. Assim, o continente Americano seria o local propício para as realizações de interesses comerciais e o local adequado para abrigar uma sociedade próxima à perfeição.

Nesse contexto, o Brasil era visto:

ora como algo de vago e confuso, ora como a terra da promessa, ora como a sucursal do inferno, como um paraíso da natureza, como um excelente lugar para investimentos comerciais, como centro das esperanças européias ou como uma terra de vagabundos e bandidos – quando não como simples objeto de curiosidade (HOLANDA, 1985: 63).

Louvavam-se o clima e a natureza americanos. Esta natureza exerceu tanto fascínio nos europeus que estes chegaram a compará-la a do paraíso. Esses louvores, comuns aos relatos dos viajantes, frequentemente, eram exagerados.

Existia um intercâmbio entre os diversos escritos de viagens. Também havia trocas entre a população local e os viajantes estrangeiros. Esse intercâmbio de informações contribuiu para a perpetuação de imagens, de modo consciente ou não entre um autor e outro.

No Brasil os estrangeiros quase nunca viajavam sozinhos. Sempre procuravam por guias que conhecessem a região a ser visitada. Por vezes se valiam até da autoridade estatal para arranjar comida, cavalos, tropeiros e guias.

Vários eram os motivos que atraíam os viajantes. Havia a atração pelo exótico exercido pelo continente americano. Sem dúvida, os índios exerciam fascínio sobre os viajantes estrangeiros, especialmente os índios botocudos presentes território capixaba. Duas instâncias eram determinantes na esfera do viajante, a particular e a pública. O desejo de aventura, de pesquisa, de lazer e de trabalho “são entendidos como motivações pessoais em vista de enriquecimento, projeção social, status ou simples deleite” (LISBOA, 1997: 32). Esses fatores se inseriam num contexto mais amplo, no qual, os objetivos particulares e públicos se interagiam.

As viagens pelo interior do Brasil (e de toda a América) eram repletas de perigos. Além, dos viajantes conhecidos como naturalistas, muitos outros estiveram no nosso país. Eles deixaram por sua vez, livros de grande valor para o conhecimento e estudo da época, especialmente nos aspectos históricos e sociológicos. Foi importante ressaltar, que esses estudos feitos a respeito do Novo Mundo foram essenciais para a construção de um imaginário na Europa sobre o Brasil e a América, que se perpetuou até o século XX.

As narrativas de viagem apresentavam uma questão central: eram textos que descreviam o Brasil, apresentavam imagens do Brasil. Em relação ao início do século XIX, percebeu-se que praticamente todos os autores estudaram, em maior ou em menor grau, a flora e a fauna, observaram a vida social, avaliaram as relações de trabalho, de produção e se interessaram por questões escravistas ou indígenas. Esses relatos fazem parte de uma literatura de viagem e caracterizaram-se como tal.

Os relatos de viajantes europeus sobre o Novo Mundo, no século XIX, orientavam-se pela ciência, pela experiência social do grupo de origem do viajante e pela própria experiência da viagem. Ou seja, pela percepção do desconhecido, da alteridade e do diferente. Ao mesmo tempo, em que o viajante retratava o lugar visitado, ele também reelaborava o seu próprio lugar de origem, dialogando permanentemente com suas referências. Foi a partir do contato com o diferente que esses viajantes passaram a conhecer melhor seu local de origem, e tendo como referência o mesmo, elaboraram uma visão do local visitado. Afinal, foram os relatos escritos por estes homens que produziram na Europa as representações sociais e geográficas sobre o Brasil do século XIX.

#### *Sobre o tratamento do documento*

Ao analisarmos a narrativa de Edward Wilberforce, buscamos compreender o modo como certas verdades, discursos sobre a história do Espírito Santo foram construídas. Nestes discursos eram recorrentes as idéias de que a província capixaba no século XIX era um local bucólico, atrasado e com problemas financeiros, mas que poderia se desenvolver. Logo, para entendermos como essas verdades se cristalizaram, tornou-se necessário os questionamentos de Foucault (1972) sobre o tratamento dos documentos. Segundo Foucault (1972), devemos trabalhar o documento em seu interior e elaborá-lo, e não apenas interpretá-lo ou determinar se ele está dizendo a verdade. A história, em relação aos documentos, precisa organizar, recortar, distribuir, repartir em níveis, estabelecer séries, dizer o que é e o que não pertinente, delimitar elementos, definir unidades, descrever relações. Assim, o documento não seria para a história somente uma matéria inerte “através do qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e do qual apenas permanece o rastro: ela procura definir, no

próprio tecido documental das unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 1972: 13-14)”.

A história voltou-se para a arqueologia, para a descrição do documento. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. “O tempo é aí concebido em termos de totalização e as revoluções jamais passam aí de tomadas de consciência (FOUCAULT, 1972: 21)”. A problematização era necessária para que se possa dizer o que era e o que não é legítimo, aquilo que não pode mais ser admitido, assim como apontar quais são os problemas e as questões que podem ser colocados. Entender como se deu a construção do discurso.

Buscou-se uma análise dos discursos e imagens vistos como uma invenção. Logo, o conhecimento histórico teve que tentar dar conta dos agentes desta invenção, determinando quais foram às práticas, as relações sociais que produziram determinado evento. Assim, “o momento de invenção de qualquer objeto histórico seria o próprio passado e caberia ao saber histórico tentar dar conta dos agentes desta invenção, definindo que práticas, que relações sociais, atividades sociais produziram um dado evento” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: 24). Os documentos seriam então vistos como pistas a partir das quais buscaríamos encontrar o momento da invenção, os interesses que originaram determinado acontecimento, além dos conflitos e contradições que proporcionaram o seu nascimento.

A invenção do acontecimento histórico, seja de um objeto ou sujeito da história, aconteceu no presente, pois o historiador ao “reconstruir” o passado incutiu em sua narração seu próprio discurso. As evidências do passado foram produzidas pelos procedimentos e pressupostos teóricos e metodológicos do historiador (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: 26).

A história fabricou seus objetos e seus sujeitos. Contudo, estes objetos e sujeitos também inventaram a história. A história uniu e misturou os tempos e espaços, ela interpretou a realidade, as representações, os discursos. A história nasceu da relação;

*Tecer, como narrar, é relacionar, por em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra. Não podemos pensar que a história escreve a si mesma, que os fatos se impõem ao historiador, que se impõem como evidencia. [...] não podemos escrever a história sem documentos, nem sem as ferramentas que a cultura historiográfica nos proporciona, inclusive os conceitos. [...] O sujeito*

*produz o objeto, este também define o sujeito.* (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: 32)

O presente interrogou o passado. O passado, assim como a história, foi uma invenção do presente, mesmo estando amparado nos signos deixados pelo passado. Passado este, que fez parte do próprio presente e que era inacabado. A realidade foi o que cada época definiu. Cabe ao historiador estar atento para como cada época histórica definiu o que era realidade, o que era verdade. O historiador deveria colocar nova vida nos relatos que nos falam como era o passado, por meio da nossa imaginação, da nossa capacidade poética de “retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, para que estes relatos sirvam para demarcar a nossa diferença, sirvam-nos para nos tratarmos, dizermos de outra forma” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: 153).

Deveríamos procurar desnaturalizar os objetos históricos tal como eles se encontravam cristalizados. Entender como certas verdades foram constituídas em campos do saber, e como ao cristalizarem, dificultaram o aparecimento de outra forma de ver o passado. Questionamos o modo como à história (o passado) do Espírito Santo surgiu no relato de Wilberforce e o modo como ele e a História feita sobre seu relato construíram determinados discursos e verdades, pois assim tornou-se possível deslindar novas possibilidades de análise e compreensão para a história do Espírito Santo.

#### *A narrativa de Edward Wilberforce: considerações sobre a natureza e a civilização no Espírito Santo do Século XIX*

O relato de Edward Wilberforce foi estudado tendo como referência a natureza e a civilização. Para tanto, utilizamos os apontamentos feitos por Keith Thomas em, *O homem e o mundo natural*. Nesta obra, Thomas (1988) estudou a relação entre o homem, à natureza e os animais, buscando compreender quais foram os pressupostos que embasaram a visão dos ingleses no início da época moderna. Por conseguinte, sublinhou um ponto fundamental na história humana, o predomínio homem sobre a natureza.

Ao longo do tempo a relação do homem com o mundo natural se modificou. No período moderno o homem tentou prevalecer sobre a natureza. No entanto, a partir de 1800 surgiram dúvidas acerca do lugar ocupado pelo ser humano na natureza, bem como sua relação com as outras espécies. Assim, nasceu uma nova preocupação em



relação ao mundo natural. Houve modificações na relação entre os ingleses e a natureza. O campo passou a ser considerado mais belo que a cidade. Tal consideração, segundo Thomas (1988) estava relacionado, de certo modo, a deterioração do ambiente urbano. Esta deterioração estava associada à poluição e a sujeira. Também estava relacionada ao crescimento populacional de Londres que resultou no aumento do número de edifícios e, conseqüentemente, na diminuição do verde na cidade. A cidade tornou-se insalubre e passou a ser vista como o lugar dos vícios enquanto o campo se tornou o lugar das virtudes. O campo “oferecia uma fuga dos vícios e afetações urbanos, um descanso para as tensões dos negócios e um refúgio contra a sujeira, a fumaça e o ruído da cidade” (THOMAS, 1988:294).

Os homens percebiam e classificavam o mundo natural. “Embora o mundo da natureza devesse ser domesticado, não devia ser completamente dominado e suprimido” (THOMAS, 1988: 301). A natureza era bela e moralmente benéfica. Ela proporcionava não apenas um local de privacidade, como também um local para a reflexão, para o devaneio, para a espiritualidade.

Dialogando com os pressupostos de Thomas (1988), observamos que a narrativa de Edward Wilberforce pode ser dividida em duas categorias de análise: uma que aborda o mundo natural, exaltando suas belezas, e outra referente ao homem, a civilização e a cultura.

Sobre o mundo natural Wilberforce: “a paisagem em torno era tão extraordinária que um piloto poeta teria certamente deixado seu navio encalhar, pela constante admiração das margens (WILBERFORCE, 1989:16)”. E ainda,

*a brisa afagava suavemente o prado perfumado e sussurrava musicalmente por entre a floresta, beijando as tranças das árvores, trazendo em suas asas os mais puros deleites.[...] Estávamos em tal labirinto de beleza que mal podíamos parar para contemplar as largas folhagens, firmes e rígidas como espadas, as partes inferiores tingidas do mais delicado vermelho, que se erguiam a cada lado da trilha (WILBERFORCE, 1989: 19).*

Assim, podemos observar que no relato de Wilberforce existe certo encantamento em relação ao mundo natural. Tanto que, logo após desembarcar em Vitória e ver rapidamente que existia nas lojas uma carência de sólidos e uma abundância de líquidos, o marinheiro parte para o campo “emergindo das ruas imundas como borboletas de seus casulos, trocando toda a miséria de uma cidade brasileira pelo frescor de um campo brasileiro” (WILBERFORCE, 1989: 19). A natureza foi retrata

pelo marinheiro com adjetivos como bela, exuberante e extraordinária. Seu encantamento é tamanho que primeiro explora o interior do local visitado, para somente depois explorar a cidade. Percebemos que Edward compartilhava dos pressupostos ingleses de que a natureza era benéfica, já que proporcionava ao homem momentos de reflexão e espiritualidade.

Já em relação à cidade e suas construções prevalece à impressão de sujeira e pobreza, com exceção do Convento da Penha, para o qual Wilberforce escreve um poema. Sobre o Convento:

*no cume de uma das montanhas do lado esquerdo, entre rochas fantásticamente empilhadas uma sobre a outra, como se tivessem sido pedras de gigantes, erguia-se altiva o que pensamos ser uma fortaleza e que, no entanto, revelou-se um convento (WILBERFORCE, 1989:16).*

E continua com um poema;

*Ali, no cume, entre rochedo eretos  
Ergue-se velho edifício  
Que deve ter desafiado os mais violentos embates da tempestade  
Ou as mãos presunçosas do inimigo (WILBERFORCE, 1989:16).*

Falando sobre a cidade, Wilberforce nos comunica que, mesmo havendo alguns belos prédios, dentre os quais se destacava o palácio do governador. A impressão que teve sobre Vitória era que sua aparência era tudo, menos florescente. Grande parte das casas eram pequenas, sujas e insignificantes. Em relação às construções maiores, o viajante diz que estavam se deteriorando rapidamente (WILBERFORCE, 1989: 17-18).

O viajante inglês também retrata alguns costumes locais e a “certa aversão” ao trabalho de vender dos comerciantes brasileiros;

*Na Inglaterra, se alguém perguntar por alguma coisa que o vendedor não tenha em estoque, este insistirá em vender outra coisa que considere um substituto à altura. No Brasil, se alguém perguntar por alguma coisa que o vendedor tenha em estoque, este insistirá em que o freguês peça outra coisa de que ele não disponha, para poupar-se o trabalho de atendê-lo (WILBERFORCE, 1989: 21).*

Notamos que Wilberforce viu a cidade como um local insalubre. Tal fato foi atestado por Thomas (1988), que diz que a cidade era vista pelos ingleses como um lugar em deterioração devido à poluição e a sujeira, no caso londrino causadas, sobretudo, pelas fábricas. Sobre a população local, além da noção de que os comerciantes possuíam aversão ao trabalho, podemos crer que Wilberforce, ao entrar em contato com o Espírito Santo teceu comparações entre este lugar e sua terra natal. Estando em uma loja em

Guarapari<sup>6</sup> viu uma mulher que, de acordo com o inglês, parecia ter uns quarenta anos de idade e que possuía o rosto mais medonho que já vira. Segundo Edward, uma senhora de oitenta anos na Inglaterra seria mais bonita que essa “bruxa”. E continuou dizendo que os perus de Guarapari haviam transferido suas vozes as mulheres dessa vila, recendo delas em troca a sua beleza (WILBERFORCE, 1989: 30). Tentando explicar o porquê de as mulheres no Brasil envelhecerem mais rápido que as londrinas, o marinheiro cita que o clima tropical que desenvolve as mulheres aos quatorze anos de idade, também as faz envelhecer prematuramente (WILBERFORCE, 1989: 30). Assim, no relato do marinheiro inglês a foi mostrada natureza como sendo superior à cidade.

### *Apontamentos finais*

Buscamos ao estudar essa narrativa, encontrar os indícios acerca de um imaginário europeu sobre as terras brasileiras. Tal fato se justificou, pois, encontramos indícios de que Edward Wilberforce compartilhava de uma visão de um Espírito Santo atrasado e bucólico. Procurou-se entender essa produção literária partindo da premissa do autor que compartilha daqueles discursos comuns na história capixaba como o lugar da pobreza, da preguiça, mas também repleto de maravilhas naturais. Em várias passagens, Wilberforce reforçou essa visão de atraso e decadência, seja quando afirmou que a sede do governo estava repleta de capim e que o presidente de província usava um casaco com botões de latão, ou quando estando em Guarapari afirma que havia sinais de decadência por todos os lados, ou ainda estando em Benevente<sup>7</sup> afirmou que as ruas, que anteriormente estavam parcialmente calçadas, eram naquele momento, uma sucessão de poças de algo que um dia deveria ter sido água. Que a maioria das casas estavam em decadência, sendo algumas, restos de belos edifícios, com cortinas, persianas e entalhes de madeira (WILBERFORCE, 1989: 31).

Compreendemos esse relato a partir das relações sociais em que foi elaborado. Ele foi fruto de uma sociedade e de um tempo do qual o autor participava e que delas retirou sua compreensão do mundo. A narrativa de Wilberforce foi também fruto de suas experiências vivenciadas na Europa e no Brasil. Ele compartilhava das práticas sociais

---

<sup>6</sup> Guarapari é uma cidade situada no litoral do Espírito Santo.

<sup>7</sup> Benevente é a atual cidade de Anchieta situada ao sul do litoral capixaba.

de seu tempo assim como difundia certa imagem do lugar que visitava, para tanto, o marinheiro afirma: “às vezes aprendemos mais em casa sobre os lugares que visitamos do que nos próprios lugares, com os olhos bem abertos e os ouvidos bem atentos” (WILBERFORCE, 1989: 20). Logo, participava dos ideais e pensamentos de sua época, bem como contribuía para a perpetuação de certas visões que acabariam por se cristalizar no imaginário sobre o Espírito Santo. Essas imagens sobre o Espírito Santo referem-se, sobretudo, a visão de uma província atrasada, na qual existe uma escassez de população, um vasto território coberto de matas virgens e habitado por índios, uma agricultura decadente e um comércio insignificante. Ou seja, ao escrever seu relato, Wilberforce produz eventos, fatos, que produziram repercussões em relação à imagem do Espírito Santo do século XIX.

#### *Referências Bibliográficas:*

##### *Fonte:*

WILBERFORCE, Edward. *Ingleses na costa do Espírito Santo: impressões de um aspirante de marinha sobre o Espírito Santo em 1851*. Vitória: Cultural-es, 1989.

##### *Textos acadêmicos:*

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007.

BAHIENSE, Norbertino. *O convento da Penha: um templo histórico, tradicional e famoso 1534 a 1951*. Vitória: Escola técnica de Vitória, 1952.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FREIRE, Mário Aristides. Fotografia do cruzeiro lendário. In: *Revista Vida Capichaba*. Vitória, 30-01-1946

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – Brasil monárquico: O Progresso de emancipação vol.1*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: A natureza e a civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.

RIBEIRO, José Eustáquio. *Viagens, viajante e livros de viagem: Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1850)*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2004.

ROCHA, Levy. *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.